



## 24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13ª Mostra Científica de Integração  
entre Pós-Graduação e Graduação  
3ª Jornada de Tecnologia e Inovação

### EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PROTAGONISMO JUVENIL: potencialidades e desafios na mitigação e adaptação às emergências climáticas

Vitor Mateus Rangrab Galvão, Bruna Carolina Siqueira Santos  
Educação - Fundamentos da Educação

Este trabalho apresenta parte de uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIVALI, cujo foco central é a Educação Ambiental Climática. Parte-se do entendimento de que a crise climática não é apenas um fenômeno ecológico, mas um processo que impacta diretamente a organização social, as culturas locais e as políticas públicas. A investigação tem como lócus uma escola pública estadual do município de Penha, Santa Catarina, situada em área costeira, onde os impactos ambientais são sentidos de forma concreta. Nesse território, os estudantes convivem cotidianamente com problemas como a erosão das praias, os efeitos cumulativos da pesca artesanal e industrial, a captura accidental de tartarugas marinhas em redes de pesca e a intensificação da produção de resíduos sólidos durante os períodos de turismo de massa.

A pesquisa, de natureza qualitativa, articula múltiplas estratégias: revisão sistemática de literatura (2014–2024), aplicação de questionários, observação participante e práticas pedagógicas baseadas em saídas de campo voltadas ao mapeamento de problemas socioambientais, seguidas de grupos focais com os jovens. Até o momento, já foram realizados um questionário inicial, uma saída de campo e um grupo focal. Os dados parciais indicam que os estudantes se envolvem mais quando percebem a relação direta entre o que aprendem na escola e a realidade vivida em sua comunidade. Ao mesmo tempo, emergem sentimentos de vulnerabilidade diante da dimensão global do problema climático, revelando a necessidade de políticas institucionais e curriculares que deem suporte contínuo ao engajamento. Os resultados preliminares sugerem que uma Educação Ambiental crítica, fundamentada em metodologias participativas e interdisciplinares, fortalece o papel da juventude como agente de transformação comunitária e contribui para caminhos de mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

As mudanças climáticas, antes tratadas como projeções de longo prazo, já se materializam em eventos que afetam milhões de pessoas em diferentes regiões do mundo. No Brasil, comunidades litorâneas enfrentam erosão, elevação do nível do mar e aumento de ondas de calor (GATTI et al., 2021). Em Santa Catarina, tais efeitos se evidenciam na rotina de cidades como Penha, onde o turismo sazonal, a atividade pesqueira e a ocupação urbana sobrecarregam ecossistemas frágeis. Nesse cenário, a escola analisada, localizada a poucos metros do mar, aparece como espaço privilegiado para compreender como os jovens percebem e reagem a esses fenômenos. O acúmulo de lixo durante a temporada de verão, os danos à fauna marinha e a pressão sobre os ecossistemas costeiros são experiências que, ao mesmo tempo em que preocupam, oferecem possibilidades pedagógicas para conectar currículo escolar, território e consciência crítica.

Nessa perspectiva, a Educação Ambiental ultrapassa a condição de conteúdo curricular, assumindo-se como prática formativa voltada ao desenvolvimento da autonomia crítica dos sujeitos. Para Carvalho (2004) e Sauvé (2005), sua função não se limita à transmissão de informações, mas deve suscitar questionamentos, provocar diálogos e estimular práticas contextualizadas. Inspirado em Freire (1987), comprehende-se que a educação deve despertar nos sujeitos a capacidade de interpretar a realidade social e agir sobre ela de forma transformadora. Durand (2009) e Munro (2017) reforçam que os jovens podem se tornar lideranças comunitárias quando encontram espaços de escuta e participação. Morin (2000) destaca a necessidade de superar a fragmentação do conhecimento por meio de uma educação capaz de integrar diferentes dimensões dos problemas globais. O estudo também dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, sobretudo aqueles que vinculam educação, ação climática e conservação da vida marinha e terrestre (ONU, 2015). O objetivo principal da pesquisa é compreender de que modo a Educação Ambiental pode potencializar o protagonismo juvenil na mitigação e adaptação às emergências climáticas. Como objetivos específicos, busca-se analisar a literatura recente, mapear práticas pedagógicas interdisciplinares, identificar percepções de professores e estudantes e compreender como a realidade local influencia o engajamento.

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, adequada para a compreensão



## 24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13º Mostra Científica de Integração  
entre Pós-Graduação e Graduação  
3º Jornada de Tecnologia e Inovação

de significados atribuídos pelos participantes (MORAES; GALIAZZI, 2006). O campo empírico envolve uma turma do ensino médio, composta por 32 jovens, selecionada pela direção da escola. A coleta de dados foi organizada em quatro etapas: revisão sistemática de literatura, questionários aplicados em dois momentos, saídas de campo para análise de problemas ambientais locais e grupos focais realizados após cada atividade externa. Os dados vêm sendo examinados a partir da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Os aportes da literatura reforçam a centralidade da Educação Ambiental crítica (CARVALHO, 2004; SAUVÉ, 2005) e do protagonismo juvenil (DURAND, 2009; MUNRO, 2017) como eixos para enfrentar a crise climática. Morin (2000) enfatiza a necessidade de uma abordagem integradora, e Gatti et al. (2021) demonstram a urgência do tema ao analisarem o papel da Amazônia como fonte de carbono associada ao desmatamento. Os resultados iniciais desta investigação convergem com esses referenciais, evidenciando que a motivação dos jovens aumenta quando a escola conecta conteúdos acadêmicos a situações concretas de sua comunidade. Após a primeira saída de campo e o grupo focal subsequente, os estudantes apontaram problemas como resíduos sólidos nas praias, erosão costeira e impactos da pesca sobre os ecossistemas. Embora dispostos a se engajar em ações ambientais, muitos revelaram sentimentos de impotência diante da magnitude global do problema, fenômeno associado à ecoansiedade, como discutido por Pena-Vega (2023).

Essas constatações permitem algumas considerações preliminares. Em primeiro lugar, confirma-se a relevância de uma Educação Ambiental vinculada ao território, como defendem Carvalho (2004) e Sauvé (2005), para despertar engajamento real entre os jovens. Em segundo lugar, evidencia-se o papel da escola como espaço de fortalecimento do protagonismo juvenil, conforme apontam Durand (2009) e Munro (2017). As metodologias participativas – saídas de campo e grupos focais – mostraram-se eficazes para incentivar a análise crítica e promover um senso de responsabilidade comunitária. Esse processo contribui para a formulação de estratégias locais de mitigação e adaptação, alinhadas às metas da Agenda 2030 relativas à educação, à ação climática e à conservação ambiental.

Entretanto, os dados revelam um desafio relevante: a ecoansiedade que afeta parte dos jovens diante da escala e complexidade da crise climática, aspecto também registrado por Pena-Vega (2023). Tal evidência sugere que ações locais, embora indispensáveis, precisam ser articuladas a iniciativas de maior alcance. A ausência de políticas institucionais consistentes pode fragilizar a continuidade do engajamento. Torna-se, portanto, fundamental que programas educacionais e políticas curriculares sustentem práticas permanentes, capazes de transformar sentimentos de vulnerabilidade em mobilização organizada e esperança ativa.

Por fim, reafirma-se a importância de uma abordagem educativa ancorada na complexidade, conforme sugere Morin (2000), capaz de superar visões fragmentadas e valorizar o diálogo entre diferentes formas de conhecimento. A Educação Ambiental, concebida como processo contínuo, crítico e territorializado, fortalece o protagonismo juvenil e se constitui em eixo estratégico para a construção de sociedades mais resilientes e preparadas para os desafios climáticos do presente e do futuro. Os próximos passos da investigação incluem a análise aprofundada dos dados coletados nas demais etapas, com o objetivo de consolidar inferências e propor um modelo de ação educativa passível de adaptação a diferentes contextos costeiros.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Protagonismo Juvenil; Emergências Climáticas.

### Referências

- CARVALHO, Isabel C. de M. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. Rio de Janeiro: Cortez, 2004.
- DURAND, Philippe P. H. *Educação Ambiental e Cidadania: uma proposta pedagógica para a sustentabilidade*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GATTI, Luciana V. et al. Amazonia as a carbon source linked to deforestation and climate change. *Nature*, v. 595, n. 7867, p. 388-393, 2021.



## 24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13ª Mostra Científica de Integração  
entre Pós-Graduação e Graduação  
3ª Jornada de Tecnologia e Inovação

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2006.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2000.  
MUNRO, Grant Mitchel. *Schools as Living Labs: re-engineering British education out of the factory and into the real world*. 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/35542760>. Acesso em: 10 set. 2025.

ONU. Organização das Nações Unidas. *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nova Iorque: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 10 set. 2025.

PENA-VEGA, Alfredo. *Os sete saberes necessários à educação sobre as mudanças climáticas*. São Paulo: Cortez, 2023.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limites. In: REIGOTA, Marcos (Org.). *Verde cotidiano: o ambiente em questão*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 69–86.

**Apoio:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)